

Vagando pelo que restou da cidade, ele procurava por um lugar em que pudesse deixar seu corpo cair e descansar. Era assim que passava seus dias: vagando, buscando, dormindo. Mesmo o ato de pensar já havia sido eliminado da sua lista de processos cerebrais; não havia movimento que realizasse e que fosse desnecessário. Tudo que fazia era tão instintivo quanto respirar.

Durante o dia, ele dormia sobre o concreto e sob o sol sempre de meio dia, sem se importar com o câncer de pele ou se sequer acordaria. Seu sono refletia com perfeição o Abismo de sua vida: profundo e isento de sonhos.

Ao despertar, ele não perdia tempo, levantava sem trocar sequer um bocejo com o ar abafado e estanque que o cercava, dando início à sua busca por comida, que não precisava ser necessariamente alimento, mas qualquer coisa que pudesse usar para fazer seu estômago parar de protestar, nem que por apenas um instante. Logo após ingerir o que quer que fosse que tivesse encontrado, ele retomava sua epopeia particular e diária. A essa altura, o sol já havia retroagido no céu, como se, de súbito aterrorizado pelo ser que caminhava entre os destroços do que um dia fora chamado civilização, tivesse se afastado da terra. Logo seria não mais que um ponto luminoso no manto celeste, impossível de ser discernido das outras estrelas.

Ele andava pelos escombros dos prédios e casas; peças cinzentas sobre o tapete negro do asfalto. Andava reto, sempre reto, a não ser quando se deparava com alguma barreira que o impedisse de seguir adiante. Quando isso acontecia, ele virava para o lado e adotava um caminho diferente, no qual continuaria a andar em linha reta até encontrar outro obstáculo e repetir o processo. Nunca voltava para os lugares por onde já tinha passado, não apenas porque não queria, mas porque não podia; esses lugares deixavam de existir no momento em que se afastava deles, deixando para trás meros vestígios que muito se pareciam com Nada.

¹ **Autoria:** Kleber Kurowsky

Não havia ninguém ali além dele; todos partiram há mais tempo do que ele era capaz de contar. Não sabia para onde tinham ido, mas um dia soube. Nos fundos de sua mente ainda havia alguns rostos, mas estavam todos embaçados e, quando porventura clareavam, ele via que eram todos iguais: uma mesma expressão de luto, velada atrás de um sorriso amarelo. Lembrava-se apenas que eles – quem quer que fossem – chegaram a convidá-lo para ir junto, mas ele optou por ficar.

Caminhava sem objetivo, embora um dia tenha tido um. Qual era? Não lembrava. Também não lembrava há quanto tempo estava andando, afinal, sua jornada começara muito antes de os relógios pararem de funcionar, essa raça extinta que costumava marcar o tempo.

À noite, entretanto, seu ritmo não era de caminhada, mas de corrida. Quando a luz do sol o abandonava, ele era forçado a correr dos fantasmas que desciam pelas encostas dos poucos prédios que, de alguma forma, conseguiram estar de pé. Ele não se virava para olhá-los, mas ouvia suas vozes, e elas o aterrorizavam de tão humanas. Durante as noites, isso era tudo que via e ouvia: vultos de sinistra palidez que o perseguiam tão silenciosos quanto os gatos que cantavam seus cios nas sarjetas das ruínas. E assim ele passava suas noites: fugindo daquilo que era incapaz de enfrentar, pois sabia que, se o fizesse, estaria perdido para sempre.

O breu noturno sempre tardava a se dispersar; ele seria capaz de jurar que passara décadas e mais décadas correndo entre as sombras. Mas finalmente o sol começava a trilhar seu caminho de volta, arrastando-se para perto da terra uma vez mais.

As vozes cessavam e os fantasmas sumiam quando o sol em zênite clareava a abóbada celeste. Ele então diminuía o ritmo da corrida até que voltasse a ser apenas uma caminhada. Seus olhos, desnorteados, pareciam incapazes de focar em um ponto específico no espaço; como se, ao emergir de escuridão absoluta, ele percebesse que não havia nada ao seu redor para ser visto. A verdade, entretanto, era mais simples: estava apenas procurando por uma superfície em que poderia deixar seu corpo tombar, para então retornar ao seu sono oco e diurno. Destino ao qual estão condenados os que meramente existem.